

GÊNERO E SEXUALIDADE: CONSTRUINDO FORMAS DE SENSIBILIZAÇÃO - EXPERIÊNCIAS DO SESC SÃO PAULO

Maria Emilia Carmineti¹

RESUMO

O artigo apresenta, em síntese, projetos artísticos-culturais propostos e desenvolvidos pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) que abordam a temática de gênero e sexualidade. Expõe-se aqui as diretrizes e objetivos da área de *Diversidade Cultural* e do Programa *Gênero e Sexualidade*, que vem sendo desenvolvido desde 2009, com atividades permanentes nas 40 unidades da instituição no Estado de São Paulo. Objetiva-se, ainda, refletir sobre a missão institucional do Sesc, o impacto nas comunidades locais, a relevância e potência das instituições culturais para sensibilização de públicos diversos, criação de redes, desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados às pessoas LGBTQIA+.

Palavras-chave: Sesc – Serviço Social do Comércio, Gênero, Sexualidade, Educação, Resistências.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem em seu escopo a apresentação das ações artístico-culturais do Sesc/São Paulo que tem como intenção criar espaços de representatividade, conhecimento e reconhecimento das realidades LGBTQIA+. Desta forma, propõe-se apresentar os fundamentos gerais da área de Diversidade Cultural do Sesc São Paulo e do programa Gênero e Sexualidade, e ainda, pôr em questão a potência de reverberação do assunto por instituições culturais, descrever as metodologias de operacionalização das ações programáticas, dialogar sobre os resultados qualitativos da abordagem com os públicos envolvidos e pontuar as conclusões emanadas da realização dos projetos.

Sabe-se que as populações que hoje se encontram em situações de vulnerabilidades, dentre as quais estão negras e negros, pessoas LGBTQI+, indígenas, mulheres, operários, pessoas em situação de refúgio, entre outros, foram historicamente minorizadas, colocadas à margem, e em posições subalternas, com o objetivo de manutenção de privilégios de um grupo minoritário da população em situação econômica, e com acessos a produção de bens simbólicos e materiais diverso dos demais.

¹ Graduada em Psicologia pela UNESP/Campus de Assis; Assistente Técnica da Gerência de Estudos de Programas Sociais – SESC/São Paulo.



É urgente pensar nestas condições de vida, questionar sobre as posições éticas que perpassam os vários campos de atuação humana, ao mesmo tempo há que se fomentar caminhos para o diálogo com pessoas ainda não sensibilizadas para e por estas realidades.

Considerando que a formação subjetiva, simbólica do sujeito, se dá no contato com os diferentes espaços sociais e não se restringe ao espaço da família ou da escola, a implementação destas discussões em espaços culturais, que atraem públicos diversos, configura um permanente processo de educação, sensibilização e formação de consciência crítica em relação às desigualdades e aos preconceitos.

O Sesc - Serviço Social do Comércio é uma instituição privada, de âmbito nacional, criada em 1946, por iniciativa do empresariado do comércio, que a mantém e a administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social e o desenvolvimento sociocultural dos trabalhadores dos setores do comércio e serviços, de seus dependentes e da comunidade. O Sesc São Paulo hoje conta com aproximadamente 2.647.000 inscritos.

Há 73 anos, portanto, a instituição atua, em suas diversas áreas, considerando o cenário social e as necessidades de cada tempo. Tem a Educação como pressuposto para a transformação social, na afetação pela sensível, pelo imagético, pelo lúdico; crê no simbólico enquanto um potente dispositivo para a mobilização e construção de uma sociedade onde o viver junto, o compartilhar, sejam premissas.

A concretização desse propósito se deu por uma intensa atuação no campo da cultura e suas diferentes manifestações, destinadas a públicos amplos, em diversas faixas etárias e estratos sociais. Isso não significa apenas oferecer uma grande diversidade de eventos, mas efetivamente contribuir para experiências mais duradouras e significativas.

A área de Diversidade Cultural, dentro do campo de atuação no Sesc no Estado de São Paulo, foi criada em 2009, tendo como pressuposto os debates ocorridos na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em sua 33ª Reunião, em Paris, que se deu entre 3 a 21 de outubro de 2005. Como um dos países signatários desse documento, o Brasil ratificou a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, no ano de 2007.²

A convenção ratifica a ideia expressa na Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural (2001)³, em que a diversidade deve ser tratada como “patrimônio comum

² Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>> Acesso em 27 jul 2019.

da humanidade”, e sua defesa “um imperativo ético inseparável do respeito à dignidade da pessoa humana”⁴.

Este campo de atuação, fruto, portanto das diretrizes acima, tem como prioridade as pessoas, grupos e culturas cujos direitos civis, sociais, humanos, e de manifestação, encontram-se de alguma forma ameaçados e/ou invisibilizados – dentre esses, pessoas com diferentes identidades de gênero e orientação sexual, indígenas, povos e comunidades tradicionais e a população negra.

Além disso, a área fomenta a construção de um olhar crítico capaz de reconhecer a causalidade enraizada nas bases que afetam os direitos humanos, as práticas, que por sua vez, cuidam para uma postura ativa na proteção da justiça social, por meio da convivência e do fomento ao diálogo.

As análises conjunturais, bem como as pesquisas relacionadas às questões populacionais e culturais, corroboram com os princípios de desenvolvimento das ações, levando em conta uma série de relatórios e estudos que apontam a persistência de profundas desigualdades no país, perpassando toda a estrutura social.

No panorama brasileiro é recorrente a apresentação dados em que mulheres e pessoas LGBTQI+ permanecem desguarnecidas de direitos ou os têm em risco, e são alvos permanente de violências físicas e simbólicas. Essas condições ainda se agravam quando outros marcadores sociais como raça/etnia e classe são combinados.

Outrossim, cabe destacarmos a contribuição da perspectiva teórica de Judith Butler (2003) no que tange à desconstrução do gênero enquanto destino biológico da agência e da identidade no mundo social, enfatizando, ao contrário, o gênero como construto social, histórico e cultural, possível de ser performatizado pelos indivíduos de acordo com suas subjetividades e inserções contextuais e relacionais em sociedade. Pois, ainda de acordo com Butler (1990 apud CASTRO, 2010, p.176):

Não há razão para assumir o gênero como binário. Esta ideia mantém implicitamente a crença de que uma relação mimética de gênero para sexo, gênero como espelho do sexo ou restrito pelo sexo. Quando o gênero é teorizado radicalmente diferente pelo

³ Disponível em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza%C3%A7%C3%A3o-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%A2ncia-e-Cultura/declaracao-universal-sobre-a-diversidade-cultural-e-plano-de-acao.html> > Acesso em 5 mai 2019.

⁴ DUPIN, Giselle. Convenção da UNESCO na atualidade. Observatório da Diversidade Cultural. Disponível em: < <http://observatoriodadiversidade.org.br/site/convencao-da-unesco-na-atualidade/> > Acesso em 5 jan 2019.

sexo, torna-se livre e assim, os homens podem ter um corpo feminino e as mulheres um corpo masculino.⁵

Amparado nestes sentidos, e considerando a missão institucional do SESC, e a realidade social observada, sumariamente, o programa Gênero e Sexualidade tem como objetivos:

- Ampliar a reflexão sobre as diversas identidades de gênero e sexualidade, promovendo debates sobre papéis sociais pré-estabelecidos, suas limitações e bases heteronormativas;
- criar e fomentar atividades que ressaltem a visibilidade e protagonismo das pessoas LGBTQIA+, garantindo nesta representatividade todas as intersecções que os atravessam;
- promover o conhecimento dos dados indicativos das realidades sociais que envolvem a discussão de gênero em todas as suas perspectivas;
- incentivar a discussão sobre as questões vinculadas à violência que estão diretamente ligadas a formação social de gênero e a outros marcadores sociais, como a homofobia, a transfobia, misoginia, dentre outras;
- ampliar as ferramentas para que sejam incorporadas essas reflexões nas diferentes ações realizadas no Sesc (esportivas, artísticas, etc) de forma permanente;
- atuar na perspectiva dos diversos públicos frequentadores: crianças, jovens, adultos e idosos, interno e externo. Considerar os que já estão nas unidades e os que podem vir a frequentar a partir destas discussões, entendendo os lugares de violências frequentes como importantes públicos a serem mobilizados: sistema de saúde, assistencial, educacional e jurídico.

Adiante discorreremos sobre as metodologias que têm marcado a atuação no SESC quanto aos debates sobre Gênero e Sexualidade.

2. METODOLOGIA

A base metodológica para a criação e desenvolvimento das ações estruturam-se nas seguintes instâncias:

⁵ CASTRO, AL., org. Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/js9g6/pdf/castro-9788579830952.pdf>> Acesso em: 20 ago 2019.

- análise do cenário contemporâneo a partir de pesquisas e estudos que dizem respeito, entre outras coisas, às condições sociais da população de uma maneira geral e do entorno às unidades, com atenção a dados como acesso à cultura, índices de desenvolvimento humano, além da mensuração de ações que são promovidas em outras instituições e de movimentos em redes sociais;
- protagonismo/ representatividade das pessoas, sujeitos implicados nas questões levantadas;
- construção de parcerias com instituições públicas e/ou privadas de interesse social;
- estratégias de mediação para aproximar diferentes públicos;
- diálogo com as demais áreas técnicas do Sesc na construção das ações;
- projetos com participação coletiva;
- aproximação com perspectivas diversas dos assuntos;
- criação de espaços de convivência e interação social, visando a formação do sentimento de pertencimento.

2.1 Formatos

A natureza da instituição e a amplitude dos assuntos de interesse para as ações sociais do Sesc abrem a possibilidade de serem apresentados de diferentes formas, o que auxilia no processo de aproximação dos públicos, já que se pode trabalhar com canais variados de sensibilização, potencializando seu alcance, como: encontros, fóruns de debates e bate-papos, rodas de convivência, cursos e oficinas, seminários, apresentações e intervenções artísticas em linguagens variadas, exposições, turismo e produção de conteúdo para redes sociais ou conteudoteca.

2.2 Públicos

Por si só, a observação dos públicos recebidos e atendidos nas ações do Sesc São Paulo, miríade de personalidades, vontades, origens, formações e etnicidades, nos impele diariamente a uma reflexão sobre como conviver frente à diferença sem, contudo, cair em um mecanismo de *pasteurização* ou equalização destas identidades. Logo, a ação em Gênero e Sexualidade é um mecanismo cotidiano e dinâmico necessário à concepção de todos os projetos que envolvam pessoas e oportunidades de diálogos. Neste sentido, as atividades propõem-se a contemplar: o público prioritário do Sesc (trabalhadores do comércio de bens e serviços e seus dependentes);

estudantes e educadores; comunidades e grupos, focos dos programas; e público espontâneo das Unidades Operacionais.

3. DESENVOLVIMENTO

Algumas experiências de sensibilização na atuação em Gênero e Sexualidade

São desenvolvidas periodicamente nas Unidades Operacionais do Sesc ações que pretendem provocar a reflexão sobre as diferentes identidades de gênero e orientação sexual, que dialoguem com os objetivos do programa institucional, e que têm como fundamento análises históricas e contextos socioculturais contemporâneos. Considerando a amplitude, formato, público-alvo, representatividade, interseccionalidade, destacamos algumas frentes:

3.1 Legítima Diferença

Período de realização: maio/2019

Locais de realização: Todas as unidades do Sesc no Estado de São Paulo

Numa alusão ao Dia Internacional contra Homofobia, Transfobia e Bifobia, a ação em rede buscou, nas 73 iniciativas realizadas, evidenciar realidades e desconstruir preconceitos e estereótipos vinculados às pessoas LGBTQI+, a partir do contato com narrativas diversas, entendendo as mesmas como fundamentais para se alterar os processos de exclusão e apagamento social. Dentre as discussões realizadas estiveram os temas “Heteronormatividade: o que é?”, “Direitos da população LGBTQI+”, “Empreendedorismo lésbico: iniciativas Sapa(trans)feministas”, “Afetividade e solidão no meio LGBTQI+”, “Colorindo o Futebol”, atividade para pais e filhos: “Coleção de livros infantis Amar”, além das performances “Quebra da maldição desde seu nascimento”, “Bixa Freak Show”, “Dance with me”, da oficina “Samba e tango queer: desconstruindo estereótipos de gênero”, do “TRANSarau”, dentre outras.

3.2 Nós Tantas Outras

Período de realização: novembro de 2018.

Locais de realização: Unidades do Sesc em Itaquera, Santana, Avenida Paulista, Campo Limpo e Pompeia.

Encontro descentralizado desenvolvido em cinco unidades da capital paulista, que propôs refletir sobre a condição social da mulher em diferentes localidades e realidades, os feminismos e os desafios que se apresentam na contemporaneidade.

Com participação de 31 mulheres representativas em suas áreas de atuação, contou com pesquisadoras e estudiosas de países como Afeganistão, Argentina, Brasil, China, Equador, Estados Unidos, Guiné-Bissau, Moçambique, Suíça, Uruguai e Venezuela. Nas 10 mesas propostas, foram abordados temas como: a genealogia dos movimentos de mulheres; as concepções e práticas feministas na América Latina e em outros contextos globais; as intersecções com outros marcadores sociais, como sexualidade, raça e classe; as questões vinculadas à saúde reprodutiva e sexual; a representatividade política; as reações e ameaças aos movimentos feministas no mundo e aos direitos adquiridos.

3.3 Libididades - Idosos e Sexualidade

Período de realização: maio/2018

Local de realização: Sesc Pompeia, capital paulista

Iniciativa que pretendeu ampliar as discussões sobre os estereótipos e preconceitos vinculados ao exercício da sexualidade e às questões de identidade de gênero das pessoas maiores de 60 anos, assim como a apresentar as realidades vividas e refletir sobre os papéis sociais construídos culturalmente. Os bate-papos abordaram as temáticas “Velhice, gênero e sexualidade”, “Sexualidade e envelhecimento: tabus e realidade”, “Idosos e sexualidade: estereótipos, fetichização, moralismo e medicalização”. Além desses encontros, de caráter reflexivo, fez parte da programação shows e intervenções artísticas e a realização de uma edição do *Abc Bailão*, famoso baile destinado ao público LGBT mais velho que acontece no centro de São Paulo.

3.4 Boteco da Diversidade

Ação desenvolvida desde 2017.

Local de realização: Sesc Pompeia, capital paulista

Busca ampliar a visibilidade política e artística de ações e assuntos ligados à diversidade cultural e à defesa dos direitos humanos. Neste ambiente de clima descontraído, debate, performance, música e teatro são caminhos para convidar a todos e todas para refletirem sobre

as mais variadas temáticas. O evento reúne a cada edição diferentes artistas, pesquisadoras e ativistas para comporem sob uma direção o encontro. Já foram realizados mais de 20 botecos dentre eles: “Visibilidade Trans”, “Masculinidade”, “Sexualidade e Deficiência”, “Prostituição”, “Visibilidade Lésbica”, entre outros.

Dentre as e os artistas e ativistas que estiveram na construção e curadoria do Boteco até o presente momento, destacamos: MC Linn da Quebrada, Laerte, Amara Moira, Mostra Errátika, Ariel Nobre, Aretha Sadick, Lineker, Jé Oliveira, Leo Moreira Sá, Leandro Feitosa, Tales Mistura, DJ Mariana Boaventura, Mel Duarte, BrisaFlow, Barbara Sweet, Issa Paz, Sara Donato, Stefanie Roberta, Danna Lisboa, Aline Constantino, e Clara Averbuck.

3.5 Nós Diversos

Ação desenvolvida desde 2015.

Local: Sesc Sorocaba, interior paulista.

Realizado em parceria com a organização da Parada LGBT de Sorocaba, Grupo Mandala, ATS (Associação Transgênero de Sorocaba) e NEGDS/UFSCar-Sorocaba, a cada mês traz uma pauta LGBT e/ou feminista em foco, com o objetivo de desconstruir preconceitos e respeitar diferenças, criando novos nós de afetividade e diversidade. Já foram abordados temas como: “Saúde Mental LGBT”, “Resistência Drag”, “Mentiras que contam sobre nós: gênero, sexualidade e política” e “Mulheres em luta: projetos e vias de ação em Sorocaba”

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em termos quantitativos, e nos pautando pelas ações realizadas no ano de 2018, com a abrangências de todos os projetos realizados nas unidades do Sesc, não somente os exemplificados acima, com ações específicas sobre Gênero e Sexualidade, atingimos 42.000 pessoas, distribuídas nas seguintes atividades:



Figura 1 - Expressão do número de atividades realizadas pelo Sesc/SP por segmento de programação de atividade. Fonte: autora.

O Sesc aborda as questões de gênero e sexualidade também a partir das linguagens artísticas acreditando em sua potência poética e simbólica ao apresentar olhares múltiplos sobre a realidade, por vezes revelando o não visto, por vezes o visto reinterpretado e recolocado. Pelo contato que promovem com a diferença, acredita que tanto as manifestações artísticas como as discussões conceituais carregam também uma potência de transformação social.

Considerando os aspectos simbólicos e subjetivos das ações, faz-se necessário incluir como elemento mensurador, além dos dados quantitativos, a observação do público presente, de suas colocações e das dinâmicas sociais que os frequentadores apresentam nos espaços das unidades, pontualmente e a longo prazo.

Em uma plateia de um espetáculo, de uma intervenção, de uma roda de conversa, é frequente os depoimentos tanto do público, como dos convidados e convidadas, sobre a experiência de reconhecimento de vivências pessoais ante ao que está sendo colocado. A estrutura social muitas vezes promove o apagamento de algumas identidades e subjetividades. Assim, promover com a mesma intensidade um espaço possível de reconhecimento subjetivo é também promover a sensação de pertencimento social. Em outros momentos as ações propiciaram a percepção de preconceitos, homofobias, transfobias e racismos velados que estão presentes no cotidiano, gerando espaço para abordagem direta sobre o problema.

O entendimento das demandas de cada grupo de mulheres, de pessoas LGBTQI+ e suas interseccionalidades, a percepção de que a pluralidade e as particularidades, são elementos

constantes no diverso, estão entre as falas e depoimentos identificados durante as ações desenvolvidas nas unidades do Sesc. Estes momentos evidenciam a potência dos encontros para desfazer homogeneização dos grupos e pessoas.

Outro aspecto a ser considerado como resultado parte do campo simbólico. A partir do momento em que a instituição realiza esses encontros firma uma postura de diálogo, de valorização das culturas e de entendimento de como as relações sociais podem acontecer sem a ideia de exclusão, o que a longo prazo pode auxiliar na sensibilização do público.

A postura institucional, que valoriza as diferentes identidades, tem reverberações também entre os funcionários, que trazem olhares diversos sobre o mundo e que, pouco a pouco, entram em contato com outras realidades, por vezes no acompanhamento da atividade, por outras no contato com o público que a atividade traz. Este contato com o público e as inquietações que dele surgem aparecem nas discussões formais e informais sobre a programação, quando descrevemos e explicamos os propósitos das atividades. Da mesma forma, quando há reconhecimento de suas referências, e vivências no que está sendo apresentado, cria-se a oportunidade de fortalecer o sentimento de pertencimento do funcionário com a instituição.

A perspectiva de se promover atividades, considerando todas as faixas etárias, faz parte do campo de observação dos resultados, entendendo que a participação de faixas etárias variadas nas ações pode ser um indicativo do caráter inclusivo do diálogo proposto e também uma medida de como as questões estão sendo vistas socialmente, se há campos de proibição ou de liberdade das temáticas.

Outros resultados perceptíveis podem ser identificados na continuidade das programações sobre Gênero e Sexualidade para além das datas de efemérides, demonstrando o entendimento por parte do corpo técnico da importância da permanência dessas discussões, já que os problemas também os são e os processos educativos necessitam de constância.

Além disso, identifica-se a crescente realização de programações pontuais, desvinculadas de projetos mais extensos, que se propõem a abordar o assunto, valorizando seus elementos expressivos e poéticos.

As novas parcerias com instituições e grupos podem revelar o permanente exercício de diálogo com a realidade contemporânea.

Avalia-se que a adesão do público às ações, pode estar vinculada a pelo menos três fatores diretos:

- ao fato das propostas partirem da observação das realidades, dos gargalos que contém a estrutura social em relação a não valorização de determinadas culturas, povos e grupos, portanto de ser ponte para o diálogo;
- à pesquisa sobre a produção cultural contemporânea relacionadas a essas culturas e pessoas, sob seus aspectos artísticos e também conceituais buscando a multiplicação de espaços de visibilidade;
- à construção conjunta da proposta com esses atores sociais, criando também um diálogo destes com a instituição e sua missão.

5. CONCLUSÕES

O desafio da própria diversidade é garantir o espaço da diferença. Portanto, ao pretender falar de realidades sociais há que se considerar que elas próprias são múltiplas, que suas vozes não são uníssonas. Muitas vezes inclusive, essas vozes não são complementares, têm objetivos e naturezas distintas, não raro conflitantes.

Este desafio propõe espaços de negociação internos (dentro da instituição) e externos (agentes culturais, proponentes e públicos), porque provoca as referências e limites de cada um. Quando o diálogo é proposto como premissa na realização das atividades, ele também deve ser premissa para seu desenvolvimento. Implica a compreensão de que diferentes visões sobre os assuntos, oriundas de grupos sociais distintos, precisam compartilhar os espaços de discussão, deixando para o público o exercício de construir as referências que lhe pareçam mais adequadas.

A armadilha tão presente no nosso tempo, da polarização de discursos, é um desafio; desconstruir esta lógica nos coloca sempre em debates delicados, nos quais as ideias de pertencimento, representatividade, importância e hierarquia são trazidas à tona.

Os grupos e setores que agem a favor da valorização da Diversidade Cultural vêm conquistando maior visibilidade no cenário cultural. Com tais movimentações, as concepções sobre cultura e sobre arte alteraram-se, embora persista na sociedade compreensões ainda atreladas a noções restritivas de cultura. Face a tal circunstância, é necessário atentar permanentemente para a perspectiva que se está adotando, a fim de evitar soluções excludentes e ampliar o entendimento dos processos culturais.

Sob os aspectos que dizem respeito ao público frequentador, situações em que são manifestados preconceitos e intransigências são partes do cotidiano. Nestes casos, ao reafirmar a postura institucional de inclusão, nem sempre o espaço de diálogo é aceito. No que se refere

ao conteúdo das programações aborda-se realidades muitas vezes opressivas e, inclusive, violentas, que desvelam profundas perversões sociais, com os quais o público nem sempre quer lidar. Isso desafia tanto a instituição, como todos os envolvidos no processo de mediação da ação.

No campo da comunicação de conteúdo é permanente o desafio por trazer informações não herméticas, que contenham uma linguagem clara da atividade e acessível, sem perder seu componente expressivo.

Além disso, estruturar as ações a partir de um discurso plural sobre o assunto tem-se mostrado um importante elemento, já que a complexidade faz parte do mundo e das relações sociais e quando simplificamos esses entendimentos corremos o risco de criar olhares do mundo dicotômicos e hierárquicos, que reduzem o ser, a sociedade e suas criações a posições necessariamente excludentes.

Pensar nas potências das instituições culturais na construção destes campos de sensibilização, no que ainda podem fazer, é também olhá-las como parte do processo, reconhecê-las como fruto das construções binárias, hierárquicas, patriarcais, observar os corpos que nelas habitam. Uma experiência interna e externa de mobilização, de permanente desconstrução de saberes, paradigmas, falas e narrativas.

Referências

BENTO, M. A. S. e CARRANÇA, F. (orgs). *Diversidade nas Empresas & Equidade Racial*. São Paulo: CEERT, 2017.

BRASIL de Fato. Relatório registra 420 vítimas fatais de discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-de-discriminacao-contralgbts-no-brasil-em-2018/>. Acesso em 20.ago.2019

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LANZ, L. *O corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros*. 2ª edição. Curitiba: Transgente, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

VENTURI, G. e GODINHO, T. (orgs). *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Públicos e Privados: Uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: coedição Editora Fundação Perseu Abramo e Edições Sesc SP, 2013.